

**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ALICE ARIEL HOMERCHER RENGEL

**AS DIMENSÕES DA MEMÓRIA COLETIVA NA LITERATURA ACADÊMICA
SOBRE O HIV/AIDS.**

Anápolis/GO

2025

ALICE ARIEL HOMERCHER RENGEL

**AS DIMENSÕES DA MEMÓRIA COLETIVA NA LITERATURA ACADÊMICA
SOBRE O HIV/AIDS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Áreas Acadêmicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Anápolis, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Danilo José Dalio

Anápolis/GO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rengel, Alice Ariel Homercher.

R412d As dimensões da memória coletiva na literatura acadêmica sobre o HIV/AIDS. / Alice Ariel Homercher Rengel. – Anápolis: IFG, 2025.
50 f. il. color.

Orientador: Prof. Dr. Danilo José Dalio.

Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Anápolis – Licenciatura em Ciências Sociais, 2025.

1. HIV/AIDS. 2. memória coletiva. 3. emoções.
4. representações sociais. 5. estigma.

I. Dalio, Danilo José (orient.).

II. Título

CDD 362.1969792

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Claudineia Pereira de Abreu

CRB1/1956

IFG Campus Anápolis



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ANÁPOLIS

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia treze do mês de março do ano de 2025, às dezenove horas, no auditório S602 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Câmpus Anápolis, situado à Avenida Pedro Ludovico, s/n. Residencial Reny Cury, em Anápolis-GO, deu-se a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Memória e emoção: as perspectivas e imaginários dos portadores de HIV na literatura acadêmica”, como requisito de conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, de autoria do(a) estudante ALICE ARIEL HOMERCHER RENGEL.

A banca foi composta pelos/as professores/as Danilo José Dalio (orientador), Michele Siqueira (Avaliadora) e Marcelo Augusto de Lacerda Borges (Avaliador).

O TCC foi considerado () aprovado, (X) aprovado com correções ou () reprovado pela banca examinadora, com a nota **9,0**.

A sessão foi encerrada às 20 horas e 30 minutos, tendo eu, Danilo José Dalio, lavrado a presente ata que segue assinada digitalmente pelos integrantes da banca examinadora e pela estudante.

Prof. Danilo José Dalio

Orientador

Profa. Michele Siqueira

IFG – Câmpus Anápolis

Prof. Marcelo Augusto de Lacerda Borges

IFG – Câmpus Anápolis

Alice Ariel Homercher Rengel

Graduanda

Documento assinado eletronicamente por:

- Michele Siqueira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 17/03/2025 15:07:40.
- Marcelo Augusto de Lacerda Borges, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 17/03/2025 14:41:35.
- Alice Ariel Homercher Rengel, 20171060090116 - Discente, em 14/03/2025 08:53:21.
- Danilo Jose Dalio, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 13/03/2025 20:39:18.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 13/03/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 626876

Código de Autenticação: d4758e12c5



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Avenida Pedro Ludovico, s/ nº, S/N, Reny Cury, ANÁPOLIS / GO, CEP 75131-457
(62) 3703-3373 (ramal: 3373)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

1. (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Anápolis -GO, 24/03/2025.

Local

Data

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS**

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais



Documento assinado digitalmente
ALICE ARIEL HOMERCHER RENGEL
Data: 20/03/2025 10:40:30-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dedico este trabalho aos meus queridos padrinhos, Ao meu tio Rosemar, que enfrentou com coragem os desafios do HIV, mas partiu cedo demais. Sua memória permanece viva em meu coração e neste trabalho que busca dar voz a histórias como a dele.

À minha tia Rejane Rengel, que continua sua caminhada com força e resiliência, sendo um exemplo de determinação e esperança.

Esta dedicatória é uma forma de honrar suas vidas e de contribuir para que as memórias e emoções dos portadores de HIV nunca sejam esquecidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Prof. Danilo José Dalio, por toda paciência, dedicação e ensinamentos ao longo desta jornada. Seu apoio e incentivo foram fundamentais para a construção deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico e intelectual. Ao Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás, pela oportunidade de realização do curso.

À minha família, meu alicerce, por todo amor, compreensão e incentivo nos momentos de dificuldade. Sem vocês, essa caminhada teria sido muito mais difícil.

A todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

"A memória não consiste em um amontoadito solitário de sensações; antes, ela repercute as disposições sociais que delineiam o sentido de cada lembrança."

(Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, 1990)

RESUMO

RENGEL, Alice Ariel Homercher. As dimensões da memória coletiva na literatura acadêmica sobre o HIV/AIDS. 2025. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Ciências Sociais – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2025.

Este estudo investiga as dimensões da memória coletiva na literatura acadêmica sobre o HIV/AIDS, destacando como aspectos sociais, culturais e emocionais vêm sendo incorporados à discussão ao longo dos anos. A introdução apresenta um panorama histórico da epidemia de HIV/AIDS, evidenciando a evolução do discurso acadêmico, que passou de uma abordagem predominantemente biomédica para a inclusão gradual de vivências subjetivas e sociais. A parte teórica fundamenta-se nos conceitos de memória coletiva, representações sociais e antropologia interpretativa, com base nas contribuições de Maurice Halbwachs, Serge Moscovici e Clifford Geertz. Esses referenciais permitiram compreender como as memórias e as narrativas dos portadores de HIV/AIDS são atravessadas por estigmas, exclusão social e dinâmicas culturais.

O principal objetivo deste trabalho foi identificar como as memórias e emoções dos portadores de HIV/AIDS são representadas na literatura acadêmica e de que forma essas narrativas refletem as transformações sociais e culturais ao longo do tempo. A pesquisa documental e a análise de conteúdo, utilizando o software Voyant Tools, evidenciaram que temas como "memória", "emoções" e "afetividade" vêm ganhando espaço na produção acadêmica mais recente, especialmente após os anos de 2019 e 2020. Embora não seja possível comprovar diretamente a influência da epidemia do H1N1 e da pandemia da COVID-19, esses períodos coincidem com momentos históricos de crise sanitária que ampliaram as discussões sobre experiências subjetivas e humanizadas em contextos de doenças virais.

Conclui-se que, embora o discurso biomédico ainda predomine, observa-se um movimento crescente de valorização das memórias coletivas e das experiências emocionais dos portadores de HIV/AIDS, apontando para a necessidade de pesquisas futuras que promovam uma abordagem mais inclusiva e sensível a essas dimensões.

Palavras-chave: HIV/AIDS. Memória coletiva. Emoções. Representações sociais. Estigma.

ABSTRACT

RENGEL, Alice Ariel Homercher. As dimensões da memória coletiva na literatura acadêmica sobre o HIV/AIDS. 2025. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Ciências Sociais – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Anápolis, 2025.

This study investigates the dimensions of collective memory in the academic literature on HIV/AIDS, highlighting how social, cultural, and emotional aspects have been incorporated into the discussion over the years. The introduction provides a historical overview of the HIV/AIDS epidemic, illustrating the evolution of academic discourse, which shifted from a predominantly biomedical approach to the gradual inclusion of subjective and social experiences. The theoretical framework is based on the concepts of collective memory, social representations, and interpretive anthropology, drawing on the contributions of Maurice Halbwachs, Serge Moscovici, and Clifford Geertz. These references allowed for an understanding of how the memories and narratives of HIV/AIDS carriers are shaped by stigma, social exclusion, and cultural dynamics.

The main objective of this study was to identify how the memories and emotions of HIV/AIDS carriers are represented in academic literature and how these narratives reflect social and cultural transformations over time. Document analysis and content analysis, using the Voyant Tools software, revealed that themes such as "memory," "emotions," and "affectivity" have gained space in more recent academic production, particularly after the years of 2019 and 2020. Although it is not possible to directly prove the influence of the H1N1 epidemic and the COVID-19 pandemic, these periods coincide with historical moments of health crises that expanded discussions on subjective and humanized experiences in viral disease contexts.

It is concluded that, although the biomedical discourse still predominates, there is a growing movement to value the collective memories and emotional experiences of HIV/AIDS carriers, pointing to the need for future research that promotes a more inclusive and sensitive approach to these dimensions.

Keywords: HIV/AIDS. Collective memory. Emotions. Social representations. Stigm

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Nuvem de Palavras

35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Frequências dos termos

38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
Fig.	Figura
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IFG	Instituto Federal de Goiás
MEC	Ministério da Educação e Cultura
nov.	Novembro
ONGs	Organizações Não Governamentais
TARV	Terapia Antirretroviral
Tab.	Tabela

SUMÁRIO

1 HIV/AIDS: ENTRE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	15
2 MEMÓRIA COLETIVA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DO HIV/AIDS	18
2.1 A construção social da memória coletiva	18
2.2 Teoria da representação social do HIV/AIDS	21
2.3 A antropologia interpretativa de geertz	24
3 METODOLOGIA DOCUMENTAL E ANÁLISE DE CONTEÚDO	30
3.1 Tipo de Pesquisa	30
3.2 Procedimentos de Coleta de Dados	31
3.3 Procedimentos de Análise de Dados	33
3.4 Limitações da Pesquisa	33
4 MEMÓRIA COLETIVA E SUAS LACUNAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	34
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O ENFRENTAMENTO DO ESTIGMA E VALORIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXO 1	46

1. HIV/AIDS: ENTRE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A epidemia de HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) instaurou, desde a década de 1980, uma realidade composta por muitas disputas interpretativas e reverberações sociais que ultrapassam o campo biomédico, aludindo a questões de estigmatização, ressignificação cultural e reconstrução de sentidos coletivos. Em uma fase inicial, marcada pelo temor diante de “grupos de risco” (Camargo Jr., 1994; Fausto Neto, 1999), sucederam-se mudanças de paradigma que deslocaram o foco para “comportamentos de risco”, culminando em uma perspectiva complexa do fenômeno, sob a lente da “vulnerabilidade” (Carvalho, 2009).

Essas transformações redimensionaram a doença no imaginário social, e, em diferentes perspectivas, a necessidade de compreender os aspectos subjetivos vinculados ao processo de convivência com o vírus. O aparecimento da terapia antirretroviral (TARV), ao amenizar a morbidade e reduzir as infecções oportunistas, contribuiu para que o HIV/AIDS passasse gradualmente a ser percebido como condição crônica (Brasil, 2020), sem, contudo, dissipar inteiramente a carga simbólica negativa que desde o início recaiu sobre os soropositivos (Sontag, 1989).

Nesse contexto, a crise entre o tratamento biomédico, de natureza contínua, e as narrativas de discriminação e medo, mostram o quão singulares são as concepções de memória coletiva a partir da epidemia. A imposição de sentidos, ora sob a lógica médica, ora sob os discursos de movimentos sociais e da imprensa, gerou, como pontua Quéré (2005), um acontecimento de feição hermenêutica, pois a HIV/AIDS e seu sentido são continuamente reinterpretados, refletindo debates que, ao mesmo tempo em que recrudescem formas de preconceito, desvelam reivindicações políticas e ações de inclusão (Giddens, 2005).

Esse caráter duplo da síndrome ecoa na vivência dos próprios portadores, que, além da gestão cotidiana de sintomas e terapias, lidam com representações sociais atravessadas por resquícios do estereótipo de “peste gay” (Blouin, 1987). Compreender tais representações implica considerar, como propõe Jodelet (2001), as múltiplas ancoragens simbólicas pelas quais o HIV/AIDS continua a ser interpretado nos diálogos culturais, muitas vezes carregados de religiosidade e espiritualidade (Vasconcelos, 2009; Koenig, 2012; Santos, 2018).

A memória se apresenta, nesse contexto, como forma de investigação de processos identitários, sobretudo se tomarmos Halbwachs (1990) para delinear como, no interior de grupos socialmente estigmatizados, as recordações individuais dialogam com construções coletivas, produzindo narrativas de resistência ou apagamento.

Para nós, ao contrário, não subsistem, em galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as ordens para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provem completamente de nossa memória. (Halbwachs, 1990, p. 77),

Em paralelo, Polak (Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia, 1990) orienta o olhar para o estigma e a exclusão que, historicamente, permeiam a trajetória de doentes crônicos, ressignificando, pela via da experiência, as próprias estratégias de enfrentamento. Soma-se a esse quadro o olhar interpretativista de Geertz, (A interpretação das culturas, 2008.) cuja perspectiva antropológica possibilita entender os significados que sustentam práticas sociais, representações do corpo e modos de narrar o sofrimento. Assim, mais do que registros de eventos passados, as lembranças dos portadores de HIV ganham densidade simbólica quando relacionadas às dimensões políticas, culturais e afetivas, pois são elas que assinalam caminhos de resiliência ou, por vezes, de ruptura diante de estigmas¹.

Portanto, desde a ideia inicial de que se tratava de uma sentença inevitável de morte até o momento atual, em que a doença se mostra controlável, houve, como indica Carvalho (2012), uma série de micro acontecimentos que redefiniram as fronteiras do debate sobre a síndrome. Engajamentos políticos, movimentos de quebra de patentes e reivindicações de assistência integral demonstram a contínua negociação de significados que marca a interação entre portadores de HIV/AIDS, agentes governamentais, pesquisadores e a sociedade em geral (Perucchi et al., 2011). Nesse percurso, surgem também dimensões psicossociais frequentemente negligenciadas, como a memória afetiva do trauma inicial, a vergonha, a religiosidade como suporte para o enfrentamento, ou até o esquecimento deliberado de determinados episódios.

Assim, a literatura sugere um paradoxo: se, por um lado, há avanços científicos e maior disseminação de informação, por outro, persiste uma elevada incidência de novos casos

¹ Embora seja extremamente reconhecido a produção de Erving Goffman sobre o estigma, a opção por operar a partir das análises de Halbwachs e Geertz neste trabalho visa enfatizar, respectivamente, a relação entre memória coletiva e identidade em grupos estigmatizados, e a compreensão dos significados culturais e sociais que orientam as práticas e narrativas em torno do HIV/AIDS. A abordagem de Goffman, embora fundamental, não é o foco principal desta análise.

no Brasil, tangenciando a necessidade de olhar para as condições de vulnerabilidade que condicionam a exposição e a experiência do HIV/AIDS (Gobatto; Araújo, 2013).

Nesse sentido, o presente estudo busca compreender como as emoções e memórias dos portadores são revestidas de significados tanto individuais quanto sociais, e quais as omissões investigativas ainda remanescentes no campo acadêmico. É preciso repensar as representações da memória e da emoção em torno do HIV/Aids a fim de se reexaminar por quais caminhos devem ser abordadas a prática do cuidado, da acolhida e das políticas voltadas a essas populações.

2. MEMÓRIA COLETIVA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DO HIV/AIDS

2.1 A Construção Social da Memória Coletiva

A memória, para Halbwachs (1990) está relacionada às experiências individuais e ao conjunto de grupos nos quais cada sujeito se insere. Diante da aparente obviedade de que evocamos recordações ao acionar acontecimentos passados que julgamos “nossos”, Halbwachs (1990) rompe com o senso comum e insiste que aquilo que cada indivíduo retém em sua consciência é construído por uma série de influências sociais. Não se trata de negar a autonomia do sujeito, mas de esclarecer que, sem o suporte de grupos determinados, nossas lembranças careceriam de ancoragem efetiva, não encontrariam solo em que pudessem florescer.

Se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. (HALBWACHS, 1990, p. 49).

Daí se depreende que os chamados “fatos íntimos”, por vezes reivindicados como registros privados, também são, em grande medida, atravessados por quadros coletivos. Quando Halbwachs (1990) discorre sobre o valor dos testemunhos – seja o do outro, seja o de nós próprios olhando para o passado – destaca que a memória não consiste em um amontoado solitário de sensações; antes, ela repercute as disposições sociais que delineiam o sentido de cada lembrança. Essas disposições funcionam como pontes que ligam o presente ao pretérito, conduzindo o pensamento pelos caminhos abertos por famílias, amigos, colegas de trabalho ou, mesmo, por leituras e narrativas que circundam nossa vida.

A pandemia de HIV/AIDS, desde sua eclosão nos anos 1980, encaixa-se perfeitamente nesses mecanismos de recordação social descritos por Halbwachs. Os indivíduos que viveram a época em que a Aids era estampada como “peste gay” (Blouin, 1987) não a rememoram apenas como uma história pessoal de susto ou sofrimento. Pelo contrário, trazem na lembrança os discursos médicos, midiáticos e religiosos que lhes davam forma, tal como um

arquiteto que, ao projetar uma cidade, determina os contornos pelos quais os transeuntes depois transitarão. Assim, as lembranças coletivas sobre o HIV/Aids adquirem relevo dentro de grupos que, ao compartilharem experiências, reconstroem narrativas de estigma, luta política e redefinições identitárias.

Halbwachs (1990, p. 25) exemplifica o processo de rememoração tomando o momento em que “quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas”. Ainda que falte clareza sobre certos detalhes, as referências do espaço e o diálogo com outras pessoas reacendem fragmentos: o que antes jazia difuso retoma contornos graças à circulação de sentidos entre quem narra e quem escuta. No que tange às memórias do HIV, a conversa com antigos companheiros de militância ou o encontro com campanhas de prevenção, reportagens jornalísticas, depoimentos de médicos ou de líderes religiosos cumpre função análoga, reabrindo passagens do passado que não aflorariam somente do interior do eu.

Dessa forma, a rede de significados que cada portador construiu para si encontra-se, não raras vezes, em conflito com a memória ou mesmo com as interpretações dominantes no seio familiar. Essa diferença reforça outro aspecto caro a Halbwachs: o esquecimento ligado à desfiliação de um grupo. Ao desmembrar-se de certos círculos sociais que interpretam o HIV unicamente sob o prisma do “pecado” ou da “marginalidade”, há sujeitos que acabam por afrouxar laços com antigas sociabilidades, substituindo-as por outras, mais solidárias. Conforme adverte o autor Halbwachs (1990, p. 27), “acontece com efeito que uma ou várias pessoas (...) possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas (...) sem que nos lembrássemos de tudo aquilo”. Ou seja, quando se abandona o quadro que atribuía significado a certa vivência, corre-se o risco de ver apagada, também, parte daquela lembrança.

É nesse ponto que Halbwachs destaca o núcleo de sua tese sobre a inseparabilidade da memória entre eu e meio social. Diz o autor:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (...) Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em pensamento eu me deslocava de um tal grupo para outro (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Isso repercute muito no campo da Aids, onde grupos de apoio, ONGs (Organizações Não Governamentais), centros de saúde e até movimentos religiosos têm, em muitos casos, ajudado a reconfigurar o quadro das lembranças associadas à experiência de ser soropositivo. A narrativa individual entra em contato com as outras vozes que compartilharam episódios de exclusão, medo ou superação, transformando-se em memória plural, podendo atenuar a sensação de isolamento. Ainda que cada portador tenha suas circunstâncias, o fato de trocarem relatos, “como se vários depoimentos se confrontassem” (Halbwachs, 1990, p. 25), fortalece certos aspectos das recordações e relega outros ao esquecimento ou à irrelevância.

Nesse cenário, a maneira como a sociedade se reorganiza ao longo do tempo provoca metamorfoses na percepção do passado. Um primeiro momento da epidemia, por exemplo, é marcado por funerais e sentimentos de luto coletivo; já a fase atual, em que a terapia antirretroviral tornou a infecção controlável, desloca o eixo para vivências de cronicidade. No fio das considerações de Halbwachs, a consequência lógica é que a memória que cada soropositivo elabora sobre si mesmo não se mantém inalterada. O enxerto de discursos mais otimistas, a maior aceitação social e as políticas públicas de inclusão penetram na tessitura de suas lembranças, tecendo novas paisagens interpretativas.

Nas esferas em que o estigma permanece, ocorre algo próximo ao que Halbwachs chama de “descontinuidade” (1990, p. 29): uma pessoa pode ter sido tocada pela discriminação em um período, mas, afastando-se do grupo que reiterava o preconceito, vê parte de suas lembranças perder clareza e intensidade emocional. Já outro sujeito, permanecendo exposto àquelas mesmas redes de exclusão, mantém viva a memória do medo ou da humilhação. Não se trata, portanto, de uma predisposição psicológica individual, mas da persistência ou do rompimento com a coletividade que sustentava certo modo de pensar o HIV.

Por isso, Halbwachs sugere que, mesmo quando se crê completamente só, a imaginação do indivíduo está povoada por companheiros invisíveis, constituídos por histórias, valores e instruções que absorvemos ao longo da vida. No universo do HIV/AIDS, esses “outros” são os que vivenciaram trajetórias análogas ou, ao contrário, aqueles que nunca estiveram em situação de vulnerabilidade, mas cujo olhar médico ou moralizador foi introjetado na consciência do portador. Nessa confluência se revela o cerne da memória coletiva: ela persiste não apenas na presença material dos que nos acompanham, mas também em nossa mente, nos resquícios de cada interação social que moldou nossa sensibilidade.

Ocorre, ainda, a dimensão do que Halbwachs (1990) denomina “mudança de grupo”. Para quem muda de cidade, religião ou contexto profissional, certos quadros de referência que

sustentavam lembranças de outrora entram em declínio. Analogamente, um portador de HIV que opta por reconfigurar suas redes de apoio, seja porque encontrou respaldo em uma igreja inclusiva, seja porque passou a participar de um grupo de ativismo, experimenta uma remodelação de si mesmo. A maneira de revisitar o passado e de projetar o futuro se refaz, e, com ela, as memórias antes “naturais” podem enfraquecer, cedendo lugar a outras representações.

Tal fato destaca a advertência de Halbwachs (1990, p. 48) de que “as lembranças que nos parecem puramente pessoais (...) distinguem-se das outras pela maior complexidade das condições necessárias para que sejam lembradas”. No campo da Aids, aqueles que outrora silenciaram o seu diagnóstico podem, anos depois, engajar-se em movimentos de conscientização, trazendo à tona experiências que pareciam extintas. O que provoca o retorno desses fragmentos de vida não é um mero clarão interno, mas sim as novas conexões grupais que reafirmam tais conteúdos como relevantes.

A memória coletiva, nesse contexto, atua como mediadora entre o vivido e o narrado, permitindo que o sujeito reestruture o sentido de seus acontecimentos biográficos. É por meio disso que lembranças aparentemente fragmentadas do tempo em que a Aids era permeada por pânico social passam a dialogar com um presente em que o discurso biomédico destaca a manutenção de qualidade de vida. Aquilo que ainda pode suscitar angústia em alguém – o medo do abandono, a dor das perdas passadas – encontra no compartilhamento social, no testemunho de outras trajetórias, um alento, e, assim, vai-se integrando a um registro comum da experiência do HIV.

Contudo, se, em Halbwachs, a evocação de lembranças carece de quadros grupais que lhe deem forma, no campo das representações sociais a ênfase recai sobre os processos simbólicos e cognitivos que, movidos pelo contato com o outro, configuram a própria realidade percebida pelos sujeitos. Em ambas as perspectivas, o tecido social é condição *sine qua non*² para a elaboração de significados acerca do vivido, seja este tecido formado por laços familiares, redes de apoio ou instâncias mais amplas de interação e difusão de informações.

² **Sine qua non:** Expressão latina que significa "condição essencial" ou "algo sem o qual não seria possível". Refere-se a um requisito indispensável para que algo aconteça ou exista. É frequentemente usada em contextos jurídicos, filosóficos e acadêmicos para indicar a necessidade de uma condição fundamental para a realização de um evento ou situação.

2.2 Teoria da representação social do HIV/AIDS

Nesse sentido, Moscovici (2007, p. 207) sustenta que “a motivação para a elaboração da representação social [...] é a tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar”. Para soropositivos, essa “ponte” se materializa sempre que um indivíduo, confrontado pela ruptura que o diagnóstico de HIV/Aids imprime em sua rotina, se vê impelido a buscar novos sentidos para uma realidade até então desconhecida. Tal busca raramente se efetiva em solidão absoluta: ela se articula a referenciais de grupos que já vivenciaram situações semelhantes, agências de saúde, lideranças comunitárias, crenças religiosas ou, ainda, discursos midiáticos. Assim como em Halbwachs (1990), a coletividade ampara o processo de recordação, permitindo que cada lembrança seja feita em comunhão com valores e olhares alheios.

A própria Teoria das Representações Sociais (TRS), surgida da preocupação de Moscovici em superar o “excesso de individualismo” da psicologia social americana, encontra respaldo na crítica halbwachsiana contra a ilusão de uma memória puramente solitária. Se Halbwachs realça a força dos quadros sociais na formação do que pensamos e lembramos, Moscovici evidencia como cada grupo constrói explicações (ou seja, representações) acerca de objetos que, por sua pertinência social, demandam compreensão compartilhada. A Aids tornou-se objeto privilegiado de representações hegemônicas ou polêmicas, dependendo do vínculo que grupos distintos mantinham com o fenômeno (Moscovici, 1981 apud Sá, 2015).

Ainda, tal como discute Oliveira et al. (2014, p. 780), ao estudar o uso da TRS no campo da saúde, o engajamento nesse modelo de análise “estabelece novas bases para o processo de cuidar a partir da compreensão das necessidades coletivas acessadas por meio da representação”. As recordações que as pessoas vivendo com HIV/Aids possuem não aparecem do nada. Ao contrário, elas são (re)construídas diante de um repertório de crenças e imagens já partilhadas pelos seus pares e, muitas vezes, reforçadas por profissionais de saúde ou campanhas midiáticas. Nesse processo, há o que Moscovici (2007) nomeia como “procura pelo sentido”, movimento que se acentua quando a experiência do HIV se impõe como algo estranho e perturbador.

Se Émile Durkheim³ inspirou a noção de representações coletivas para fenômenos como religião e mitos, a modernidade das representações sociais (Sá, 2015) reside em sua fluidez, em sua capacidade de circular e se renovar continuamente. De modo convergente, Halbwachs (1990, p. 25) esclarece como o ato de “retornar a uma cidade onde estivemos anteriormente” só ganha força graças aos vários depoimentos que ajustam nossa percepção, em constante combinação com o passado.

"Nessa interseção, é importante destacar a função das chamadas ‘representações hegemônicas, emancipadas e polêmicas’. As **representações hegemônicas** são aquelas ideias e valores dominantes que moldam as normas e comportamentos na sociedade, influenciando a maioria das pessoas. Já as **representações emancipadas** buscam romper com essas normas estabelecidas, promovendo a liberdade e a transformação das estruturas que limitam o conhecimento e a autonomia. Por fim, as **representações polêmicas** geram controvérsias, desafiando as ideias predominantes e provocando debates intensos, dividindo opiniões e estimulando novas reflexões." (Sá, 1996; Vala, 2000). Em grande parte, a memória coletiva da HIV/AIDS foi enredada por discursos fortemente hegemônicos, ancorados na figura do “grupo de risco” ou em associações que viam a epidemia como um castigo moral (Fausto Neto, 1999).

Contudo, essas construções hegemônicas coexistiram com representações emancipadas – sobretudo dentro de subgrupos ativistas e em contextos de pesquisa acadêmica que defenderam a ideia de “vulnerabilidade” (Carvalho, 2009) – e com representações polêmicas que transitavam entre o medo e a contestação política. O olhar halbwachsiano, por sua vez, colabora para elucidar a maneira como, com o passar do tempo e a pressão de diferentes grupos, certas versões do passado são abandonadas ou esquecidas, enquanto outras são amplificadas e ganham status de verdade consensual.

Da mesma forma, quando a TRS detalha os processos de objetivação e ancoragem (Rateau et al., 2012), vemos um paralelo imediato na maneira como Halbwachs descreve a necessidade de amparo social para que uma lembrança volte à tona. Objetivar, nesse caso, seria tornar palpável aquele conteúdo difuso sobre o HIV, transformando-o em imagens ou símbolos que possam ser compartilhados em conversas e rotinas de cuidados (Moscovici, 2007). Ancorar, por sua vez, significa inserir esse novo objeto (ou seja, a percepção da Aids,

³ Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo francês considerado um dos fundadores da sociologia moderna. Suas contribuições incluem a teoria das representações coletivas, conceito que explica como crenças e valores compartilhados por um grupo influenciam a forma como os indivíduos interpretam o mundo. Durkheim destacou a importância desses elementos na construção da coesão social, especialmente em fenômenos como religião, mitos e tradições. Dentre suas obras mais importantes estão *As Regras do Método Sociológico* (1895), *O Suicídio* (1897) e *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912).

seu tratamento, seu significado) no conjunto de valores e crenças preexistentes em determinado grupo. Justamente em virtude de tais processos, a memória do diagnóstico ou do estigma encontra contornos mais precisos, pois se apoia em figuras, termos e justificativas socialmente validados.

Para Abric (2000), que enfatiza o núcleo central e o sistema periférico das representações, alcançamos também uma leitura sofisticada da multiplicidade de memórias ligadas ao HIV. O que seria o “núcleo central” se não o conjunto de convicções inegociáveis de um grupo acerca da doença, historicamente forjado e resistente à mudança? Em muitas comunidades, esse núcleo talvez resida ainda na associação medo-morte, perpetuada desde os anos 1980, ao passo que o sistema periférico abrigaria elementos mais atualizados, como a possibilidade de conviver com a infecção de forma crônica e controlada. Como destaca Abric (2003, p. 40), “não é o fato de partilhar o mesmo conteúdo que define a homogeneidade do grupo [...], é o fato de se referir aos mesmos valores centrais”.

Tal realidade contribui para a resiliência de quem convive com HIV/Aids, pois possibilita acomodar experiências que outrora poderiam ser tão conflituosas a ponto de permanecerem recalçadas. Para usar as palavras de Jodelet (2001, p. 22), “enquanto sistemas de representação, elas regem a relação dos indivíduos com o mundo e com os outros, orientando e organizando condutas e comunicações sociais”.

2.3 A Antropologia Interpretativa de Geertz

A antropologia interpretativa, tal como elaborada por Geertz, propõe que cultura e política não se dissociem em campos estanques, mas sejam consideradas como partes de um mesmo conjunto, em que significados sociais se associam a práticas cotidianas e instituem modos de ver e agir no mundo. Esse gesto de reunir o que antes parecia disperso – o “amontoado de esquemas e surpresas”, nas palavras de Geertz (2008, p.10) – abre caminho para análises que não reduzam a cultura a um simples adorno ou a política a uma sucessão de táticas de dominação. Ambas comparecem como esferas marcadas por uma “teia de significados através das quais os homens dão forma à sua experiência”, Geertz (2008) como se lê na formulação geertziana, e as interrogações sobre como se tecem essas tramas resultam numa leitura interpretativa, mais próxima do fenômeno social em seu próprio terreno.

Essa perspectiva tem sido central para a compreensão de fenômenos como o HIV/Aids, pois a doença não se resume apenas a uma questão biomédica, mas também é um fenômeno impregnado de símbolos e percepções coletivas, que variam entre diferentes lugares e grupos sociais. De acordo com Geertz (2008, p. 135), a política se manifesta como ‘uma das principais arenas nas quais tais estruturas se desenrolam publicamente’. No caso do HIV/Aids, essas ‘estruturas’ referem-se às redes de significados e representações sociais que envolvem a doença – como as construções sobre saúde, moral, identidade e práticas de exclusão. O HIV/Aids torna-se, assim, um ponto de convergência onde esses discursos entram em confronto e revelam as tensões sociais e culturais que os cercam. Para entender a experiência dos portadores do vírus, as políticas públicas direcionadas a eles e as representações estigmatizantes que os envolvem, é necessário adotar um esforço etnográfico, com foco na ‘descrição densa’ – conceito de Geertz que busca interpretar as camadas de significados subjacentes aos fatos que, à primeira vista, parecem simples.

A urgência de não separar o contexto político da dinâmica cultural ressalta-se na própria constituição histórica das respostas ao HIV/Aids. Assim como a Indonésia estudada por Geertz (2008) oscilava entre “golpes e constituições”, observamos, nas décadas de 1980 e 1990, um permanente embate entre grupos ativistas, governos, comunidade científica e setores religiosos em torno de como nomear e abordar a epidemia. Cada intervenção médica, cada campanha de prevenção, cada fala oficial parte de dentro de uma corrente de concepções — ideais, hipóteses, obsessões, julgamentos (Geertz, 2008) que ultrapassa o estritamente técnico. Ao analisar a forma como se disputavam os sentidos a respeito da doença, percebe-se que os rituais políticos – sejam eleições, disputas de verba pública ou ações legislativas – estavam impregnados de visões culturais sobre moralidade, sexualidade e culpa, não diferente do que Geertz realçava ao observar a política indonésia impregnada de simbolismos regionais e históricos.

Geertz (2008, p.135) chamava a atenção para o fato de que, ao se procurar “ligar a política à cultura”, o mais difícil era escapar do “amontoado de esquemas” de um lado e do “cosmos de sentimentos” de outro. Se tomarmos o HIV/Aids como objeto, corremos o risco de cair numa avalanche de dados epidemiológicos e fatos sobre prevenção, ou, na direção oposta, num idealismo puro de interpretações morais sobre a doença. A chave geertziana seria romper o hiato, compondo uma análise que olhe para o HIV tanto na “imedição concreta da luta facciosa” – isto é, as tensões entre atores políticos, orçamentos governamentais, ONGs e movimentos sociais – quanto nas “estruturas de significado” que envolvem a ideia de uma infecção “associada ao pecado” ou de uma “praga moderna”. Nessa via, o gesto interpretativo

não se contenta com descrições superficiais, mas busca penetrar as camadas de sentido que ancoram tais descrições.

A leitura geertziana destaca sobretudo a contradição entre um anseio de modernização e um apelo às tradições locais. No caso do HIV, percebe-se algo análogo quando comunidades religiosas, por exemplo, acolhem ao mesmo tempo um discurso de cuidado espiritual e, em paralelo, posicionam-se contra certos dispositivos preventivos, criando um amálgama de conservadorismo cultural e compromisso biomédico. A dualidade esbarra na dimensão simbólica: muitas vezes, a “forma de vida” que determina a visão sobre saúde não é meramente fruto de informação ou desinformação, mas do “conjunto de concepções derivadas de preocupações que a transcendem de longe” (Geertz, 2008, p.135). Assim, o uso ou a recusa de preservativos, o silêncio ou a abertura sobre a soropositividade, a busca por terapias antirretrovirais ou a adoção de práticas de cura alternativas encontram em cada grupo social um conjunto de significados distinto, refletindo disputas de sentido não menos intensas que a “luta pelo real”.

Isso implica dizer que compreender a epidemia de HIV/Aids exige situá-la no embate político mais amplo, onde não faltam interesses governamentais, influência de grupos farmacêuticos, vozes religiosas e tensões de classe. Embora o que esteja em jogo seja a doença e sua gestão, a “teia de crenças que a cultura abarca” (Geertz, 2008, p.136) exerce influência sobre as prioridades estabelecidas em cada contexto. Desse modo, replicando a advertência de Geertz, não convém reduzir a discussão à “simples busca de causas” ou a “um choque de mentalidades opostas” – como ele diz a respeito do Islã e do marxismo na Indonésia –, mas examinar como cada proposição de cuidado e cada representação do HIV se institucionaliza ou não, quem a legitima e quem a combate.

A potência de tal abordagem fica clara numa das passagens centrais de Geertz (2008, p. 137-138), em que ele adverte que “as ideias — religiosa, moral, prática, estética [...] devem ser apresentadas por grupos sociais poderosos para poderem ter efeitos sociais poderosos”. Em HIV/Aids, isso se manifesta quando vemos certa noção de “grupo de risco” se perpetuar graças à legitimação de mídias e autoridades médicas, ou quando discursos de solidariedade surgem numa conexão transnacional entre ONGs, conferências globais e pactos multilaterais de financiamento. Não basta, portanto, que uma representação seja “verdadeira” ou coerente; é necessário observar onde ela encontra ancoragem social, de que maneira entra em embate com outras visões e se se torna diretriz hegemônica ou se é relegada à margem.

A ideia de que o “grande crescimento de slogans, movimentos e demonstrações” (Geertz, 2008, p.138) possa ser lido como tentativa de forjar uma linguagem comum é

igualmente instigante, por que no caso da Aids, cada campanha de prevenção ou luta contra a discriminação – seja ancorada no “Fique Sabendo” do Ministério da Saúde, seja em atos públicos de visibilidade – opera símbolos cuja força depende de sua capacidade de dialogar com valores da coletividade. Um cartaz que aborda a infecção como mero resultado de comportamento irresponsável ativa determinadas concepções morais, enquanto outro, que destaca a responsabilidade coletiva e a empatia, mobiliza outro conjunto de imagens. Assim como

Sukarno tentava “misturar, misturar, misturar” (Geertz, 2008, p.139) tradições e modernidades, as campanhas de HIV/Aids muitas vezes misturam vocabulários biomédicos, religiosos, direitos humanos e narrativas de solidariedade, nem sempre de modo coerente, mas numa tentativa de produzir ressonância.

É nessa ponta, contudo, que a leitura interpretativa se aprofunda, pois o analista deve encarar o “paradoxo de resistir a tentações” (GEERTZ, 2008): se, por um lado, cada grupo imprime uma “metáfora” própria no contexto do HIV, por outro, há a tentação de identificar qualquer representação como reflexo imediato de determinado traço cultural. A advertência geertziana lembra que, na Indonésia, a longa dominação colonial não bastava para explicar a efervescência política; ainda era preciso captar as redes de sentido em que essa efervescência se enraizava. No caso do HIV, não basta argumentar que a epidemia encontra resistência porque as culturas locais são “tradicionais” ou “conservadoras”; faz-se necessário observar, com delicadeza etnográfica, como cada prática é elaborada na “imediação concreta da luta facciosa” e “com base em um conjunto de concepções” (Geertz, 2008, p.139) que modulam as respostas à doença.

A mesma dinâmica de “conservadorismo cultural e radicalismo político” (Geertz, 2008) é facilmente identificável quando, por exemplo, ativistas locais de HIV unem reivindicações inovadoras em termos de política de saúde a valores tradicionais de cuidado comunitário. Tão logo surgem discursos de modernização – pondo em cena leis antidiscriminatórias, protocolos internacionais de tratamento e parcerias com a indústria farmacêutica –, também surgem reações que buscam tradições religiosas ou noções de honra familiar. Em sintonia com Geertz, não há movimento linear do “atraso” para o “progresso”, mas uma sucessão de sobreposições e ajustes que produzem arranjos igualmente híbridos: as “cidades cheias de intelectuais sem lugar” ou as “aldeias de camponeses sem terra” (Geertz, 2008) encontram ecos na convivência de pacientes adeptos do uso do coquetel antirretroviral e, simultaneamente, de orações ou benzeduras.

Por meio de Geertz conseguimos mostrar a forma como o HIV/Aids suscita tensões em diversos lugares do mundo, onde a “redefinição de onde ‘nós’ estamos, onde ‘nós’ estávamos e para onde ‘nós’ vamos” (Geertz, 2008, p.141) permeia as narrativas sobre epidemias ou crises sanitárias. Se, no caso indonésio, o trauma das várias transições de regime político modelava discursos e estratégias, no HIV/Aids uma sequência de marcos – da “epidemia dos anos 1980” às novas terapias na virada dos 2000, passando pela globalização de políticas de testagem – serve de guia para leituras interpretativas que evidenciam como cada geração forja suas próprias articulações simbólicas em torno da infecção.

Em meio a essas negociações, o instrumento teórico da “descrição densa” favorece, no exame do HIV, a percepção do não-dito, as ansiedades familiares, as racionalizações que ocultam preconceitos, o alinhamento sutil entre agentes comunitários e autoridades governamentais, ou as promessas de cura trazidas pelos discursos midiáticos. O que Geertz (2008, p. 144) chamava de “obscurer e revelar” faz-se notar também em ambientes de saúde, onde protocolos clínicos, relatórios epidemiológicos e orientações pastorais podem mascarar divergências sobre quem tem direito à palavra ou quais experiências de dor são legitimadas. Apenas “ficar nos fatos” – quantos infectados, quantos óbitos – resultaria numa perda da riqueza simbólica que, à semelhança da “luta pelo real” descrita por Geertz, perpassa o HIV em todo o globo.

Assim, é preciso atenção à “política do significado” (Geertz, 2008). Esta política envolve tanto a manipulação consciente de símbolos quanto o inconsciente coletivo que reacende certos tabus. Em nenhum momento a antropologia interpretativa sugere que se reifique a cultura num sistema fechado; ao contrário, trata-se de identificar como ela se move em meio a contingências históricas, disputas de poder e ambivalências. A epidemia, como qualquer evento humano significativo, “não é um mero caos de zelo e preconceito” (Geertz, 2008, p.144), mas apresenta trajetória, forma e força próprias, cuja compreensão exige exame sensível às “estruturas conceptuais que os indivíduos utilizam para construir a experiência”. É importante evocar, por fim, uma passagem do próprio Geertz (2008, p. 136), na qual ele enfatiza como as análises sobre cultura frequentemente

A maioria das tentativas de descobrir concepções culturais gerais dispostas em contextos sociais particulares contenta-se em ser meramente evocativa, isto é, em colocar uma série de observações concretas em justaposição imediata e retirar (ou ler) o elemento difuso através da sugestão retórica. O argumento explícito é raro porque são poucos os termos, tanto por designação como por negligência, nos quais moldá-lo e o que resta é apenas uma coleção de anedotas unidas por insinuações e um sentimento de que, embora se toque em muita coisa, muito pouco é apreendido.

Isso mostra a necessidade de rigor conceitual para que o estudo do HIV/Aids, assim como outros fenômenos complexos, não se reduza a um mosaico de histórias que apenas “sugerem” algo, mas que não conectam entre práticas, valores e relações de poder. Pois, mesmo quando a dor é individual, as respostas – ou a falta delas – se fundamentam em símbolos coletivos, e a descrição densa geertziana busca justamente abrir o véu desses símbolos e trazer à luz como se dão, efetivamente, as tramas de significação na vida social. Ao estabelecer uma conexão entre as teorias de Maurice Halbwachs e Clifford Geertz, observa-se que ambas convergem na compreensão do papel central da coletividade na construção dos significados atribuídos às experiências humanas. Halbwachs, ao introduzir o conceito de memória coletiva, destaca que as lembranças individuais são continuamente moldadas e reorganizadas pelas estruturas sociais e pelos grupos aos quais o indivíduo pertence, conferindo à memória um caráter social e compartilhado. Por sua vez, Geertz, ao enfatizar a cultura como uma teia de significados tecida pelas relações simbólicas e interpretativas, amplia essa compreensão ao demonstrar que essas construções simbólicas não apenas orientam a forma como os indivíduos percebem o mundo, mas também condicionam as práticas sociais e os modos de subjetivação. No contexto das vivências de pessoas que vivem com HIV/Aids, essa intersecção teórica evidencia que tanto a memória coletiva quanto os sistemas simbólicos influenciam a forma como essas pessoas reinterpretam suas experiências, lidam com o estigma e constroem narrativas que ressignificam sua condição. Assim, as trajetórias individuais não podem ser dissociadas dos significados culturais que permeiam a sociedade, revelando um constante diálogo entre lembranças compartilhadas e simbolismos que orientam a percepção do eu e do outro.

3 METODOLOGIA DOCUMENTAL E ANÁLISE DE CONTEÚDO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental, com abordagem qualitativa, cujo objetivo principal é analisar as representações das memórias e emoções dos portadores de HIV na literatura acadêmica. A pesquisa fundamenta-se nos referenciais teóricos de Maurice Halbwachs, Clifford Geertz e Serge Moscovici, utilizando conceitos centrais como memória coletiva, estigma social e antropologia interpretativa para compreender os imaginários sociais associados ao HIV. Através dessa abordagem, busca-se não apenas entender as narrativas acadêmicas sobre o tema, mas também identificar as lacunas e caminhos para futuras investigações.

3.1 Tipo de Pesquisa

Embora este trabalho tenha sido inicialmente classificado como uma pesquisa bibliográfica, ele é, na realidade, uma pesquisa documental associada à análise de conteúdo. A análise de conteúdo é a metodologia principal, pois permite uma investigação crítica e detalhada de textos e documentos acadêmicos previamente publicados. Esta abordagem possibilita uma compreensão aprofundada das diferentes perspectivas e discursos existentes sobre o tema, ao identificar padrões recorrentes, temas emergentes e categorias interpretativas. Além disso, a análise de conteúdo permite evidenciar lacunas na produção acadêmica sobre o HIV, bem como sugerir novas direções para investigações futuras.

A pesquisa é qualitativa, com foco na interpretação dos dados, buscando não apenas a descrição, mas a compreensão dos fenômenos sociais e culturais relacionados ao HIV, especialmente no que tange às memórias, emoções e estigmas. A utilização do software *Voyant Tools* na análise de conteúdo proporciona uma abordagem mais robusta, permitindo identificar e visualizar padrões e tendências presentes nas publicações acadêmicas.

3.2 Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio da consulta a artigos científicos, livros, teses e dissertações disponíveis em bases acadêmicas como SciELO, Google Scholar, JSTOR e repositórios institucionais de universidades. O processo de seleção dos textos teve início em 2023, com um período de intensa busca e revisão que se estendeu até 2024. Durante esse período, realizei uma triagem detalhada e uma filtragem rigorosa, com o objetivo de escolher os 32 textos que mais se alinhavam aos objetivos e à temática da pesquisa.

Esse processo de seleção foi marcado por uma busca minuciosa, onde revisei uma grande quantidade de materiais, avaliando se cada um deles se encaixava ou não nos parâmetros definidos para o estudo. A análise envolveu não apenas uma leitura cuidadosa de cada texto, mas também uma reflexão sobre sua relevância para as questões centrais da pesquisa, como memória, afetividade, memória coletiva e estigma. A escolha dos materiais foi focada em obras que abordavam esses conceitos de forma direta e aprofundada, garantindo uma base teórica sólida para a análise.

Além disso, minha abordagem de seleção levou em consideração a diversidade de perspectivas sobre os temas abordados. Priorizando textos cujos títulos ou conteúdos refletissem diretamente sobre as questões-chave da pesquisa, como as múltiplas formas de memória e seus impactos, a relação da afetividade com o processo de construção da memória coletiva e os aspectos relacionados ao estigma e à exclusão social.

Outro critério importante na escolha dos materiais foi o acesso. Busquei selecionar obras que, além de serem relevantes para a construção teórica da pesquisa, também fossem acessíveis à população em geral, não se restringindo apenas ao meio acadêmico. Isso garantiu que os textos não fossem apenas úteis para o aprofundamento acadêmico, mas também compreensíveis e de fácil acesso para um público mais amplo. Essa escolha visou ampliar a repercussão e o impacto da pesquisa, permitindo que os conhecimentos gerados fossem compartilhados de maneira mais inclusiva e democrática.

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos textos foram:

- Publicações entre as décadas de 1980 e 2020;

- Estudos que abordam aspectos sociais, culturais e psicológicos do HIV, com foco em memórias, emoções e estigma;
- Trabalhos acadêmicos desenvolvidos no Brasil e na América do Sul, garantindo uma análise regionalizada sobre o tema.

Foram analisados 32 documentos que atendem a esses critérios, garantindo um panorama amplo sobre as discussões acadêmicas a respeito do tema. O processo de seleção, portanto, não se limitou à qualidade acadêmica dos materiais, mas também levou em conta sua acessibilidade e relevância para além do universo acadêmico, com o objetivo de atingir uma compreensão mais abrangente e inclusiva dos temas investigados.

3.3 Procedimentos de Análise de Dados

A análise dos textos foi conduzida por meio da análise de conteúdo, que permitiu a identificação de temas recorrentes e categorias interpretativas nos documentos selecionados. Esse processo envolveu a sistematização dos principais conceitos abordados nas publicações acadêmicas, além da identificação de áreas ainda não suficientemente exploradas na literatura existente.

Adicionalmente, utilizou-se o software *Voyant Tools* para a análise da frequência e distribuição de termos ao longo dos textos selecionados. A utilização desse recurso tecnológico permitiu a visualização de padrões e tendências na literatura acadêmica, facilitando a identificação dos conceitos mais enfatizados nas discussões sobre HIV, bem como aqueles que carecem de um aprofundamento maior.

3.4 Limitações da Pesquisa

Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, este estudo não inclui a coleta de dados empíricos, como entrevistas ou relatos de portadores de HIV, o que poderia proporcionar uma compreensão mais rica das experiências emocionais desses indivíduos. Contudo, a análise

de um amplo conjunto de textos acadêmicos contribui para a identificação de padrões, tendências e lacunas no campo de estudo, oferecendo subsídios para futuras pesquisas empíricas.

Embora as considerações finais apresentem uma síntese das contribuições teóricas sobre a memória e a emoção dos portadores de HIV, este estudo também visa estimular novas reflexões e direcionar futuras investigações acadêmicas, que possam aprofundar a compreensão das experiências vividas por esses indivíduos e suas implicações sociais, culturais e emocionais.

4 MEMÓRIA COLETIVA E SUAS LACUNAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Durante este estudo, explora-se como as emoções e memórias dos portadores de HIV estão representadas na literatura acadêmica e de que forma essas narrativas refletem processos de estigmatização, exclusão social e resiliência. Com base nos estudos de Maurice Halbwachs, Clifford Geertz e Serge Moscovici, a investigação busca compreender como a memória coletiva e individual desses indivíduos se construíram e de que maneira o estigma e as dinâmicas sociais influenciam a forma como suas experiências são narradas.

Os resultados desta pesquisa foram obtidos a partir da análise de um conjunto de 32 documentos selecionados por meio de pesquisas em bases acadêmicas como SciELO, Google Scholar, JSTOR e repositórios institucionais de universidades. A seleção foi orientada por palavras-chave como **HIV**, **AIDS**, **memórias**, **emoções**, **perspectivas** e **imaginário**, garantindo a inclusão de estudos que abordam não apenas os aspectos biomédicos, mas também as vivências subjetivas e os significados sociais do HIV. Para explorar padrões recorrentes na literatura, utilizou-se o Voyant Tools, um software de código aberto que permite visualizar a frequência e a distribuição de termos ao longo dos textos. Essa abordagem possibilitou identificar os temas mais enfatizados nas publicações acadêmicas, bem como apontar lacunas na discussão sobre as emoções e a memória dos portadores de HIV, especialmente em relação ao estigma e às estratégias de resiliência.

A fim de compreender a ênfase dada a determinadas categorias conceituais na literatura acadêmica, procedeu-se à análise de frequências de termos nos documentos selecionados para este estudo, os quais se encontram listados em anexo. Utilizando o software, foram extraídos dados quantitativos sobre a ocorrência e correlação de termos-chave.

Na imagem a seguir, a nuvem de palavras mostra a predominância de cada um dos termos.

Figura 1 - Nuvem de Palavras



Os dados extraídos apontam que os termos **AIDS** (4.450 ocorrências) e **HIV** (3.400 ocorrências) são os mais frequentes, o que é esperado dado o foco da pesquisa. A alta incidência de palavras como **saúde** (2.099 ocorrências), **doença** (993) e **epidemia** (821) reforça a predominância de uma abordagem biomédica e de saúde pública na literatura acadêmica. No entanto, assim como apontado por Halbwachs (1990) e Moscovici (2007), observa-se também um nível significativo de incidência de termos como **pessoas** (1657), **sociais** (1025), e **grupos** (599), evidenciando que a literatura reconhece as interações sociais como parte fundamental do contexto da epidemia. Esse dado corrobora a ideia de que o HIV/AIDS não é apenas um aspecto clínico, mas também um aspecto social, que envolve dinâmicas de pertencimento, exclusão e solidariedade.

A análise revela ainda que o termo **memória** (927 ocorrências) possui uma presença relevante nos textos analisados, apontando a preocupação com o registro histórico e a construção de narrativas sobre o HIV/AIDS. Entretanto, sua frequência permanece inferior aos conceitos biomédicos, diminuindo que essa abordagem ainda ocupa um espaço secundário na literatura em relação à perspectiva clínica e epidemiológica. Isso está alinhado com as

observações de Halbwachs (1990), que aponta que a memória coletiva é influenciada por dinâmicas sociais e pode ser ofuscada por discursos predominantes, como o biomédico.

Outros aspectos de destaque estão relacionados ao **estigma** e à **discriminação**. Termos como **homossexuais** (690) e **gay** (433) refletem a presença de discussão sobre populações historicamente marginalizadas, enquanto a incidência de palavras como **direitos** (444) e **política** (396) sugere que, embora em menor escala, há também preocupações com políticas públicas e questões legislativas relacionadas à doença (Blouin, 1987; Fausto Neto, 1999).

Palavras associadas à prevenção e ao tratamento também apresentam frequências, com **prevenção** (569) e **tratamento** (705), refletindo um equilíbrio entre as discussões que focam nas estratégias preventivas e aquelas que abordam a continuidade dos cuidados ao longo do tempo. Esse dado reforça a ideia de que o HIV/AIDS tem sido progressivamente compreendido como uma condição crônica, que exige estratégias de longo prazo, conforme planejado por Brasil (2020).

Finalmente, a presença do termo **vida**, frequentemente correlacionada a **HIV** e **AIDS**, sugere que a experiência do vírus transcende o domínio clínico, influenciando profundamente a identidade e a trajetória existencial dos indivíduos afetados. A ocorrência de expressões como **memória** (85) **afetiva** (66) e **emoções** (44), ainda que menos frequentes, aponta para um espaço em crescimento na literatura acadêmica para investigação sobre as vivências subjetivas dos portadores. Essa constatação reforça o argumento de que, apesar da predominância das abordagens biomédicas, há um movimento na literatura que busca compreender os impactos e emocionais socioculturais da infecção, como destacado nos trabalhos de Halbwachs (1990) e Geertz (2008). Continuando a análise dos dados a respeito da literatura sobre o HIV/AIDS, quando examinada sob a ótica de termos recorrentes e suas correlações, revela um quadro complexo e multifacetado das discussões acadêmicas sobre o tema. A partir de dados quantitativos sobre a frequência de palavras, a pesquisa nos leva a refletir sobre como a epidemia é abordada tanto em sua dimensão clínica e biomédica quanto em suas dimensões sociais, emocionais e culturais.

Correlação dos Termos: Os termos analisados demonstram um panorama intrigante das ênfases nos estudos acadêmicos sobre o HIV/AIDS. O termo “memória” apresentou uma expansão modesta de 0,0157 (1,57%) com “aids”, indicando uma presença moderada, porém não central, nas discussões. Esse dado é corroborado pela análise de tendências, que indica que as abordagens sobre a memória, especialmente a “memória coletiva”, embora presentes, não dominam os textos acadêmicos. Os termos “memória coletiva” e “memória social”, com 83 e 48 ocorrências, respectivamente, apresentam uma visão mais ampla e coletiva da

epidemia, enquanto “memória individual” com 15 ocorrências mostra que há limitações nas discussões sobre as experiências pessoais dos indivíduos afetados. Isso sugere que o aspecto narrativo individual, que poderia enriquecer a compreensão do impacto humano do HIV, ainda é subexplorado nas publicações acadêmicas.

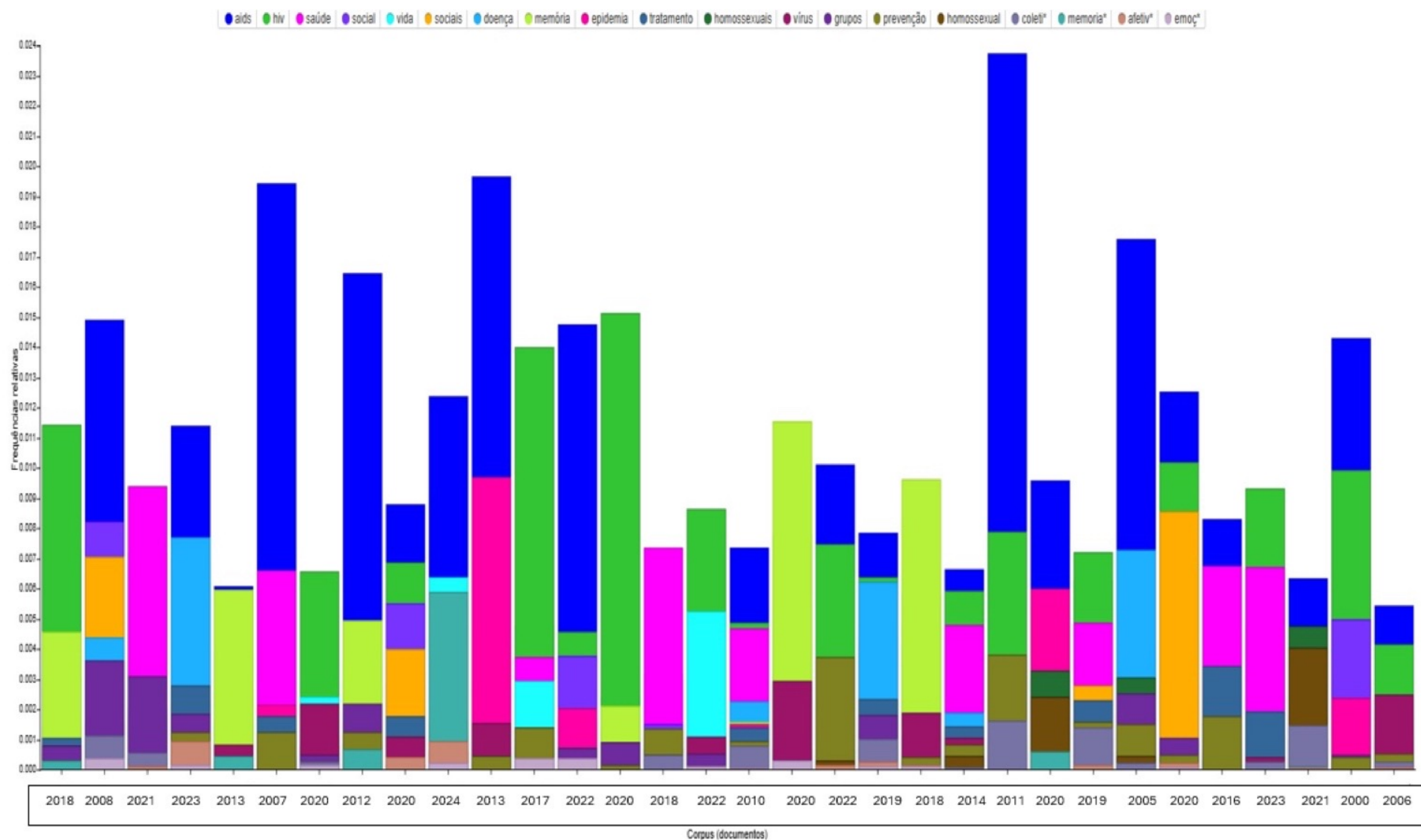
Outro termo com baixa exibição foi “estigma”, que teve uma relação de 0,0141 (1,41%) com “aids”, refletindo sua relevância na divulgação, mas sem ser um tema central ou de grande foco. O estigma, embora presente, aparece de maneira fragmentada e indireta, muitas vezes associado a palavras como "exclusão" e "discriminação". Esse dado também se alinha com a observação de que, apesar da importância do estigma social na vivência de indivíduos com HIV, ele não está no centro das discussões acadêmicas, que preferem se concentrar nos aspectos epidemiológicos e biomédicos.

O termo "prevenção" apresentou uma relação de 0,0328 (3,28%) com "aids", evidenciando o enfoque da literatura na abordagem epidemiológica e nas estratégias para controle da doença. O alto volume de discussões sobre prevenção, refletido na frequência de termos como "saúde pública", que apareceu 175 vezes, reforça a centralidade das abordagens clínicas e políticas na literatura, direcionando a discussão para medidas preventivas e intervencionistas.

Por outro lado, o termo “homossexuais” teve uma relação de 0,0245 (2,45%) com “aids”, apontando para uma conexão entre a epidemia e grupos vulneráveis, mas sem a ênfase necessária nas questões históricas e sociais que ainda afetam essas comunidades. A baixa representatividade do termo "homossexuais", especialmente quando comparado com a predominância de termos relacionados ao HIV como "tratamento", "prevenção" e "epidemia", sugere uma sub-representação dos estudos que se concentram nas dimensões sociais e culturais da epidemia.

As barras do gráfico de frequências obtido (Gráfico 1) indicam a proporção de aparições de cada termo no corpus textual, indicando quais conceitos têm recebido maior destaque ao longo dos trabalhos examinados.

Gráfico 1 – Frequências dos termos



Distribuição Contextual: A distribuição temporal dos termos também oferece uma visão interessante sobre as tendências de pesquisa. Os gráficos de tendência revelam que termos como “estigma” e “memória” aparecem especialmente nos anos de 2013, 2020 e 2021, sugerindo uma crescente valorização das vivências e registros das experiências. Em contrapartida, "prevenção" e "epidemia" se destacam mais fortemente entre os anos de 2000 e 2010, em um período de maior preocupação com a contenção e controle da doença.

A análise do gráfico de tendências evidencia a predominância do termo "AIDS", que aparece com alta frequência na maioria das publicações, com picos significativos nos anos de 2000, 2019 e 2020, indicando um foco central na epidemia nesses períodos. O termo "HIV" também tem uma presença significativa, especialmente entre 2018 e 2023, reforçando a ênfase nos aspectos biomédicos e clínicos da doença.

O termo "tratamento" aparece com certa regularidade, mas com destaque especial nos anos de 2019 e 2020, sugerindo que, embora os aspectos médicos sejam discutidos, eles não são o único foco. Em contrapartida, termos como "memória", "emoções" e "afetiva" surgem com maior destaque nos anos de 2020 e 2021, indicando que as experiências emocionais e subjetivas das pessoas afetadas pelo HIV estão ganhando mais espaço no discurso acadêmico. Além disso, palavras como "grupos", "social", "prevenção" e "estigma" aparecem com maior frequência no período de 2000 a 2010, refletindo um momento de maior foco nas questões de controle social e coletivo da epidemia. Essa distribuição indica que as dimensões sociais e coletivas do HIV estão sendo abordadas, mas de maneira fragmentada.

Implicações para os estudos: Esses padrões revelam não apenas a persistente predominância dos discursos biomédicos e epidemiológicos, mas também os desafios enfrentados pelas abordagens emocionais e culturais dentro da literatura científica. O fato de termos ligados ao estigma, memória e emoção aparecerem de forma dispersa aponta para uma necessidade de aprofundamento dessas dimensões nas pesquisas futuras. Embora o impacto social e cultural do HIV/AIDS seja reconhecido, ele ainda não ocupa o mesmo nível de destaque que os debates sobre o tratamento e a prevenção, áreas em que os discursos biomédicos dominam.

Portanto, apesar do aumento das discussões sobre as implicações socioculturais do HIV, incluindo questões de estigma e memória, essas perspectivas ainda enfrentam obstáculos para se estabelecerem de maneira mais sólida na literatura acadêmica. As futuras pesquisas podem se beneficiar ao explorar mais profundamente os impactos subjetivos e sociais da epidemia, promovendo uma abordagem mais holística e inclusiva no entendimento do HIV/AIDS.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O ENFRENTAMENTO DO ESTIGMA E VALORIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS

Este estudo revelou que as discussões acadêmicas sobre o HIV/AIDS evoluíram significativamente ao longo das décadas, refletindo não apenas mudanças nos cenários epidemiológicos e clínicos, mas também uma ampliação gradual das abordagens sociais, culturais e emocionais. Desde o início da epidemia, nos anos 1980, até os dias atuais, o discurso acadêmico passou por transformações que acompanharam as mudanças sociais e avanços na medicina. No entanto, os resultados desta pesquisa evidenciam que o predomínio do discurso biomédico ainda sobrepõe temas subjetivos e identitários, como memória e emoções, que permanecem menos explorados na literatura científica.

Os dados analisados indicam que, entre os anos de 2000 e 2010, houve uma forte presença de termos como "epidemia", "prevenção" e "saúde", refletindo uma maior ênfase nas medidas de contenção e controle da doença. Esse período coincidiu com o contexto pós-epidemia do H1N1, que pode ter contribuído para o aumento das discussões sobre controle epidemiológico e segurança sanitária. No intervalo de 2011 a 2020, observou-se um crescimento expressivo de palavras como "afetiva", "emoções" e "coletiva", apontando para um interesse crescente pelos aspectos emocionais e sociais relacionados à epidemia. A partir de 2021, percebe-se um maior equilíbrio entre abordagens clínicas e discursivas sobre experiências pessoais e coletivas, com destaque para os termos "memória" e "vida", sugerindo uma valorização crescente das vivências e trajetórias dos portadores. Esse movimento pode estar relacionado à pandemia de COVID-19, que reacendeu discussões acerca da prevenção, do estigma e do apoio psicossocial, ampliando os debates sobre as experiências subjetivas em contextos de doenças virais. A análise evidenciou que momentos específicos, como os anos de 2019 e 2020, foram marcados por picos significativos na presença de termos como "AIDS", "HIV", "tratamento" e "coletiva", sugerindo uma fase de maior preocupação com os cuidados médicos e a dimensão coletiva da experiência social com o HIV/AIDS. Essa combinação de termos aponta para uma discussão mais ampla, que começa a integrar as perspectivas emocionais e sociais ao debate predominantemente médico.

No entanto, palavras como "estigma" e "memória" ainda aparecem de forma dispersa, destacando que as experiências emocionais e sociais permanecem secundárias na produção acadêmica. Essa observação reforça a necessidade de mais pesquisas que explorem as implicações subjetivas e culturais da epidemia, valorizando as histórias de vida, as memórias coletivas e as trajetórias individuais dos portadores.

A partir das contribuições teóricas de Maurice Halbwachs, Serge Moscovici e Clifford Geertz, este estudo evidenciou que as memórias e representações sociais desempenham um papel essencial na construção de significados atribuídos ao HIV/AIDS. As lembranças compartilhadas por grupos sociais influenciam tanto as percepções sobre a doença quanto as estratégias de resistência, enfrentamento e cuidado. O estudo também revelou que, apesar dos avanços na prevenção e tratamento do HIV/AIDS, o estigma social ainda persiste como obstáculo significativo, limitando o acesso à assistência integral e dificultando a integração social dos portadores.

Diante dessas conclusões, torna-se evidente a importância de ampliar as abordagens acadêmicas e institucionais para incluir as memórias, emoções e experiências subjetivas dos portadores de HIV/AIDS. A integração dessas perspectivas pode contribuir para uma visão mais humanizada da epidemia, favorecendo a construção de políticas públicas mais inclusivas e eficazes. Além disso, é essencial que futuros estudos se dediquem a investigar de forma mais aprofundada as dimensões culturais, afetivas e emocionais ligadas à memória coletiva dos portadores, promovendo um debate acadêmico mais equilibrado e sensível às complexas vivências do HIV/AIDS.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J.-C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

ABRIC, J.-C. **Pratiques sociales et représentations**. 10. éd. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

BLOUIN, C.B., et al.. **Aids, informação e prevenção**: imprensa e medicina em busca de respostas. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids**. Ministério da Saúde. Brasília, 2020.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. **As ciências da Aids e a Aids das ciências**: o discurso médico e a construção da Aids. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas**: a cobertura da AIDS pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987. São Paulo: Editora Annablume, 2009.

CARVALHO, C. A. Narrativa jornalística e memória: a cobertura noticiosa dos 30 anos de aparição da Aids. *Líbero*, v. 15, n. 30, p. 105-118, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa** – estudos sobre a AIDS. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

GOBATTO, M.; ARAÚJO, T. R. Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. **Psicologia USP**, v. 24, n. 1, p. 11-34, 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 17-44, 2001.

KOENIG, H. G. **Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. RS: L&PM.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Denize Cristina et al. Representações sociais da AIDS e a incorporação de memórias. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 13, n. 41, p. 248-260, 2023.

PERUCCHI, J.; RODRIGUES, A.; JARDINS, M.; CALAIS, S. Psicologia e Políticas Públicas em HIV/AIDS: algumas reflexões. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 72-80, 2011.

POLLACK, Michael. Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia. Tradução de Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Lisboa: Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, n. 6, p. 59-76, 2005.

RATEAU, P. et al. Teoria da representação social. Tradução: Claudia Helena Alvarenga. In: VAN LANGE, P. A. M.; KROGLANSKI, A. W.; HIGGINS, E. T. (Org.). **Handbook of theories of social psychology**, v. 2 London: SAGE, 2012. p. 477-497

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. **Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 458, 2015.

SANTOS, M. A. **Saúde Quântica: uma visão sobre os pensamentos e a realidade invisível que nos envolve e que pode alterar o nosso fluxo energético informacional**. Maringá/PR: Editora N. C. dos Santos, 2018.

SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VALA, J. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: J. Vala; M. B. Monteiro (Orgs.) **Psicologia social: Calouste Gulbenkian**, 2000.

VASCONCELOS, E. M. Espiritualidade na educação popular em saúde. **Cad. Cedes**, v. 29, n. 79, p. 323-334, 2009.

Figura 1:

SINCLAIR, Stéfan; ROCKWELL, Geoffrey. **Cirrus . Ferramentas Voyant**, <https://voyanttools.org/?stopList=keywordse0c55215203bc92ba88e8c5363972d72&whiteList=&visible=25&corpus=68d639bef61c71136d23439acade6fc4&view=Cirrus>. Acesso em: 13 fev. 2025.

Gráfico 1:

SINCLAIR, Stéfan; ROCKWELL, Geoffrey. **O Tendências Voyant** https://voyanttools.org/?stopList=keywords-e0c55215203bc92ba88e8c5363972d72&query=aids&query=hiv&query=sa%C3%BAdede&query=social&query=vida&query=sociais&query=doen%C3%A7a&query=mem%C3%B3ria&query=epidemia&query=tratamento&query=homossexuais&query=v%C3%ADrus&query=grupos&query=preven%C3%A7%C3%A3o&query=homossexual&query=coletiva&query=memoria*&query=afetiva*&query=emo%C3%A7%C3%A3o*&chartType=stacked&corpus=68d639bef61c71136d23439acade6fc4&view=T. Acesso em: 13 fev. 2025.

Pesquisa no software:

SINCLAIR, Stéfan; ROCKWELL, Geoffrey. *Ferramentas Voyant*. 2025.
<https://voyanttools.org/?panels=cirrus%2Creader%2Ctrends%2Cdocuments%2Ccontexts&corpus=68d639bef61c71136d23439a>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ANEXO 1 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS MATERIAIS ANALISADOS

ASTELLANI, Nathalia Carvalho. Elaboração de um software para avaliação da memória de trabalho de pacientes portadores do vírus HIV/Aids. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Infecção HIV/Aids e Hepatites Virais) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Rio de Janeiro, 2018.

BASTOS, F. I. Aids na terceira década [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

Temas em Saúde collection, 104 p. ISBN: 978-85-7541-301-2. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: [data de acesso].

BAPTISTA, Júlia Gonçalves Barreto; MAKSDUD, Ivya; FREIRE, Imara. “Revelando”, no gerúndio: segredo e estigma nas práticas de cuidado às crianças e adolescentes vivendo com HIV/Aids. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 6, jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024296.02102023>. Acesso em: [20/11/2024].

BORTOLOZZI, Remom Matheus. Entre trapos e colchas: vestígios da memória LGBT sobre as primeiras respostas paulistanas à epidemia de HIV/Aids. 2021. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.5.2021.tde-28092021-112410>. Acesso em: [13/02/2025].

BORTOLOZZI, Remom Matheus . O Câncer Na Língua Deles: Memória Pornográfica Lgbt Da Epidemia De Hiv/Aids. In: V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017, Salvador. Enlaçando. Salvador: Editora Realize, 2017. v. 1.

BUTTURI JUNIOR, A.; LARA, C. A. As narrativas de si e a produção da memória do HIV na campanha O cartaz HIV positivo. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 393-411, maio/ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-180208-12217>.

CARMO, Rose Ferraz do et al. Reconnectando Vidas. Cartas para costurar histórias/ Reconnectando Vidas. Belo Horizonte: Instituto René Rachou, 2023. 27 p., il. ISBN: 978-65994869-2-0.

CARVALHO, Máira Vieira Nascimento. Direitos fundamentais: um olhar através da memória das pessoas que vivem com HIV/AIDS. 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Vitória da Conquista-BA, 2016.

CARVALHO, C. A. Narrativa jornalística e memória: a cobertura noticiosa dos 30 anos de aparição pública da AIDS. *Líbero*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 105-118, dez. 2012.

CASSEB, Jorge Simão do Rosário et al. Avaliação neuropsicológica em pacientes com HIV com idade igual ou acima de 50 anos: alto risco de HAND. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, ISSN: 2448-0959.2020 Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/avaliacao-neuropsicologica>.

CERQUEIRA, Marília Borborema Rodrigues; CLEMENTINO, Anne Lara Pereira; DIAS, Bruna. HIV/AIDS, estigma e saúde: o combate à discriminação no julgamento da ADI nº 5543. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia*, Uberlândia, v. 49, n. 1, p. 161-190, jan./jul. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/RFADIR-v49n1a202159721>.

FIRMINO, B. R. Trajetória de jovens adultos com HIV: memórias do ambiente escolar. *Cadernos de Educação*, v. 16, n. 33, jul./dez. 2017.

FRANÇA, L. C. M.; GOMES, A. M. T.; NOGUEIRA, V. P. F.; MERCÊS, M. C.; COUTO, P. L. S. A espiritualidade para pessoas que vivem com o HIV/Aids: uma análise da abordagem processual das representações sociais. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, e443985903, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5903>.

GRECO, Dirceu Bartolomeu. Trinta anos de enfrentamento à epidemia da Aids no Brasil, 1985-2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 5, maio 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015215.04402016>. Acesso em: [13/02/2025].

IRINEU, Bruna Andrade; AMARAL, Ayrton S. S. do. Revisão textual. In: LIONCO, T.; et al.

[Artigo]. Revista da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, vol. 01, n. 04, out.-dez., 2018. Disponível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh.

Acesso em: [data de acesso].

LANDAU, Caroline. “A Aids mudou de cara”: memória coletiva e novas oportunidades para o ativismo da Aids no Brasil. *PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-44, 2011.

MELO, L. P. "A minha vida foi uma diáspora da AIDS": memória, testemunho e a experiência de ser mulher e viver com HIV/AIDS. *Vivência - Revista de Antropologia*, v. 60, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2022v1n60ID31083>.

NASCIMENTO, D. R. A AIDS no final do século XX. In: *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 81-112. (História e Saúde Collection). ISBN 978-65-5708-114-3. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557081143.0006>. Acesso em: [20/11/2024].

OLIVEIRA, Kris Herik de. A pesquisa em HIV/aids nas ciências sociais: uma análise das teses e dissertações brasileiras (1990-2018). *Tematicas*, Campinas, SP, v. 28, n. 55, p. 227–270, 2020. DOI: 10.20396/tematicas.v28i55.14166. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/14166>. Acesso em: 13 fev. 2025.

OLIVEIRA, D. C.; STEFAISK, R. L. M.; MARQUES, S. C.; COSTA, T. L.; FORMOZO, G.

A.; MACHADO, Y. Y. Representações sociais da AIDS e a incorporação de memórias. *Rev Recien*, São Paulo, v. 13, n. 41, p. 248-260, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2023.13.41.248-260>.

OLIVEIRA, Samya Laltuf de. Validação de um software de avaliação de memória de trabalho direcionado a idosos portadores do vírus HIV/Aids. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Infecção HIV/Aids e Hepatites Virais) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Rio de Janeiro, 2020.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; WIIK, Flávio Braune; DUQUE, Tiago. Cruzando tempo(s) e produzindo memórias do ativismo HIV/Aids no Brasil: entrevista com o antropólogo Flávio Braune Wiik. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 8, n. 2, abr.-jun. 2022. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>. Acesso em: [data de acesso].

PARKER, Richard; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 89-102, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2000000700008>. Acesso em: [13/02/2025]

RAMOS, Janete Silva. Análise epidemiológica da imunodeficiência adquirida no município de Oiapoque/AP, no período de 2001 a 2011. 2014. 59 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Departamento de Pós-Graduação, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unifap.br:80/jspui/handle/123456789/127>. Acesso em: [24/11/2020].

REIS, Ana Cristina; SANTOS, Elizabeth Moreira dos; CRUZ, Marly Marques da. A mortalidade por aids no Brasil: um estudo exploratório de sua evolução temporal. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 16, n. 3, p. 195-205, set. 2007. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742007000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 fev. 2025. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742007000300006>.

ROCHA, M. N. As representações sociais da AIDS. 2008. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11586/11586_5.PDF.

SALES, T. A.; CARVALHO, D. F. "The AIDS Memorial": histórias de amor, perdas e lembranças em pedagogias de afetos. *Textura - Revista de Educação e Letras*, v. 23, n. 56, p. 168-196, out./dez. 2021.

SANTOS FILHO, Robson Evangelista dos. Narrativas de si e imaginários sobre HIV: uma análise do canal HDiário. 2020. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Letras, Viçosa, 2020.

SILVA, R. A. R.; DUARTE, F. H. S.; NELSON, A. R. C.; HOLANDA, J. R. R. A epidemia da AIDS no Brasil: análise do perfil atual. *Rev enferm UFPE on line*, Recife, v. 7, n. 10, p. 6039-6048, out. 2013.

SILVA JÚNIOR, Fernando Joaquim da. Narrativas, memórias e práticas sociopolíticas: uma etnografia da mobilização social e da resposta coletiva à epidemia HIV/AIDS no Rio Grande do Norte. 2019. 205f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

STEFASK, Renata Lacerda Marques. Representações sociais da aids para pessoas vivendo com HIV: uma análise das memórias comuns. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VIANNA, J. H. L. Cuidar, rezar, falar: o soropositivo, memórias e religiosidades. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 34, n. 86, p. 80-98.